

# Ópera de farrapos e luxo...

**Raiblue**

"Nu.

A noite é a única vestimenta que me cabe.  
E enquanto a chuva embriaga o silêncio do bairro,  
oculta-se, em minh'alma, uma guerra fria."

(Roleta Russa-Jéfte Sinistro)

O caos engole as cidades, esquizofrenicamente delirantes!

Dentro da maior, várias pequenas cidades isoladas compondo a mesma multidão, o mesmo aglomerado de solidão. Caminho entre os faróis do trânsito congestionado, tanto quanto eu.

A chuva molha a seca solidão da noite urbana.  
Tanta luz, mas uma profunda cegueira guia os transeuntes, quando a chuva cai indiferente à sede dos excluídos.

"Os sacrifícios humanos sangram, gritos de desespero cortarão a noite ao meio"- Fausto já anunciara, há tempos, a tragédia da modernidade.

A calçada é o sertão no meio das cidades, onde as vidas secam antes de brotar a flor. As chuvas só alagam a alma, a secura persiste no meio das enchentes. Tanta luz obstrui a sensibilidade, coagula o sangue que vira pedra. A pedra que havia no caminho do Drummond agora está dentro de nós, mas não há caminho, seguimos anônimos a lugar nenhum, somos a massa, amassados até virarmos partículas de nada.

“Tudo que é sólido desmancha no ar”, vira pó, poeira púrpura da vida severina esmagada nos grandes sertões, das veredas das cidades invisíveis aos olhos desumanizados.

Penetro a multidão e seus fardos, enquanto um fado silencioso se propaga por dentro, diretamente proporcional ao estrondoso caos. O barulho é alucinante! Não ouvi-lo é tentar preservar um resto de lucidez. Vestida de silêncio, minha noite interior, um fado belo e triste vai dilatando os sentidos, a clarividência acontece no céu dos meus olhos.

Sigo invisível, pela calçada, antes também invisível, mas agora torna-se insuportavelmente viva, pois o silêncio revela fotografias ampliadas, quase uma ultra-sonografia ,denunciando as doenças sociais sob as fachadas dos boulevares, uma ópera de farrapos e luxo, nos centros das grandes metrópoles.

Tento recuar diante da revelação, tento retornar ao barulho alienante, busco as outras tantas que tenho em mim, quando não quero ser eu. Fecho os olhos, mas é inútil, o silêncio já está dentro, e as minhas outras personagens não cabem nele agora, nenhum disfarce, nenhuma máscara para o olhar do poeta.

Então, busco as pessoas dessa sociedade anônima, tentando me perder no nada, só para não sentir o insustentável peso do silêncio e seus entornos, por onde a vida escorre, bueiros nos quais o sangue jorra da indiferença da desumanidade.

Só por hoje não queria ser poeta, só por hoje não queria enxergar, a fim de aliviar a dor dessa úlcera da realidade ácida que corrói as entranhas, eis a maior guerra: a que acontece dentro de nós...

Contudo, não consigo me comunicar com ninguém, não há tempo para se ouvir ou falar, ainda mais com um poeta, esse ser desprezível, que vive de utopias e numa profunda melancolia. As pessoas preferem a alienação da visão unilateral ao movimento involuntário das pálpebras e seu voos pelos subterrâneos caminhos.

Ser pássaro requer coragem de se perder pelas rotas do invisível...

A imensidão de faróis parece o reflexo do céu estrelado, no asfalto. A via-láctea transformada em vias arteriais entupidas pela gordura indigestiva do individualismo, pelo congestionamento das almas...

Vias inviáveis, como o meu coração de poeta, que sangra rosas coronárias sobre o esquecimento do humano...

A chuva continua a cair, e o milagre já não acontece, a fé foi substituída pelo desespero, pelas grades do medo. Todos enjaulados em suas casas, apartamentos e calçadas. Eis o cárcere da alienação, indiferença e exclusão. Que memórias teremos para contar depois?

Nenhum fenômeno da natureza está conseguindo deter a erosão da natureza humana. Pelo contrário, a erosão da natureza humana está levando à mudanças ambientais irreversíveis.

Há de surgir um novo solo sob as camadas carcomidas da carne e da alma?

‘Há de se ouvir o solo de uma [estrela](#) cadente se jogar, quando a última lágrima cair', e a flor do sorriso perdido se abrir sobre as calçadas?

Quando as águas imaginadas da delicadeza penetrarem a dureza do coração do homem, há de se ouvir, ainda , ‘[Gentileza](#)’?

A vida ainda há de dizer sim, apesar de?

Eis a roleta do tempo, do destino...

A sorte está lançada...será que ela vencerá os dados ? Eles ainda estão rolando... [o tempo não pára...](#)

(Raibblue)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/opera-de-farrapos-e-luxo>